

Narrativas de Resistência: Autoria Feminina Negra de Conceição Evaristo e Dina Salústio na Literatura Contemporânea

Narratives of Resistance: Black Female Authorship of Conceição Evaristo and Dina Salústio in Contemporary Literature

Submetido em: 09/09/2024

Aceito em: 21/11/2024

Maria Karolyne Reis Santana¹
Cristina Maria da Silva²

Resumo: A produção literária de mulheres africanas e afro-brasileiras no cenário contemporâneo constrói uma importante luta de resistência pela visibilidade em um contexto dominado por literaturas/narrativas eurocêntricas e patriarcais. Refletir sobre suas escritas nos possibilita pensar problemáticas que se interseccionam: raça, gênero e classe. Este trabalho tem como objetivo realizar a análise comparativa entre a literatura afro-brasileira e cabo-verdiana feminina, os contos analisados fazem parte dos livros *Olhos d'água* (2020) e *Mornas eram as noites* (2002), de Conceição Evaristo e Dina Salústio respectivamente. Essas obras foram escritas em lugares, contextos e épocas diferentes, no entanto ambas são essenciais para pensarmos problemáticas atuais dentro da sociedade. A metodologia utilizada para a realização deste trabalho deu-se a partir de comentários filológicos, fichamentos das obras literárias e comparação entre os textos. Seguido de uma fundamentação teórica, observando também o contexto social real com as narrativas propostas pelas autoras.

Palavras-chave: Autoria feminina negra; Literatura afro-brasileira; Literatura cabo-verdiana; Conceição Evaristo; Dina Salústio.

Abstract: The literary production of African and Afro-Brazilian women in the contemporary context represents a significant resistance effort toward achieving visibility within a field dominated by eurocentric and patriarchal literatures/narratives. Examining their writings allows us to explore the intersection of race, gender, and class. This study aims to conduct a comparative analysis of Afro-Brazilian and Cabo-Verdiana women's literature, focusing on short stories from *Olhos d'água* (2020) by Conceição Evaristo and *Mornas eram as noites* (2002) by Dina Salústio. Although these works were written in different places, contexts, and times, they are both crucial for addressing contemporary societal issues. The methodology employed includes philological commentary, detailed notes on the literary texts, and comparative analysis. This approach is supported by theoretical frameworks and considers the real social context alongside the narratives presented by the authors.

Keywords: Black female authorship; Afro-brazilian literature; Cabo Verde literature; Conceição Evaristo; Dina Salústio.

Introdução

Este artigo está dividido em duas partes. Na primeira, intitulada *Entre Brasil e Cabo Verde: Uma escrita que se intercruza*, será apresentada uma introdução às

¹ Doutoranda em Letras, pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: maria.karolyne1@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0852234943535175>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1912-3628>.

² Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas. Docente no Centro de Humanidades no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará- UFCE. E-mail: cristina.silva@ufc.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0296938001965033>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3784-8323>

escritoras e às literaturas cabo-verdiana e afro-brasileira. Na segunda parte, intitulada *Narrativas de Dor e Resistência: Análise dos Contos de Dina Salústio e Conceição Evaristo*, realiza-se uma análise literária dos contos. A metodologia utilizada para este trabalho baseou-se em comentários filológicos, fichamentos das obras literárias e na comparação entre os textos. Além disso, a fundamentação teórica, considera o contexto social real, articulando-o com as narrativas propostas pelas autoras.

Algumas pesquisas e autoras/es essenciais para produção deste trabalho são: *Memórias da Plantação* (2019) de Grada Kilomba, *Literatura Cabo-verdiana: trajetórias em defesa da cultura e da identidade* de Fátima Fernandes (2021), *Dina Salústio e a violência de gênero na literatura cabo-verdiana* de Geni Mendes de Brito e Tânia Maria de Lima, *Noites nada mornas de Dina Salústio: a oportunidade do diálogo* (2008) de Maria Teresa Salgado, *A escrita literária de Dina Salústio e Vera Duarte: resistindo à persistência de um cânone de perspectiva masculina* de Simone Caputo Gomes, *Racismo, sexismo e desigualdade* (2011) no Brasil de Sueli Carneiro e *Por um conceito de literatura afro-brasileira* de Eduardo Assis Duarte.

Os contos que serão analisados neste trabalho fazem parte dos livros *Olhos d'água* (2020) e *Mornas eram as noites* (2002), de Conceição Evaristo e Dina Salústio respectivamente. Embora essas obras tenham sido escritas em lugares, contextos e épocas diferentes, ambas são fundamentais para refletirmos sobre problemáticas atuais da sociedade.

Dina Salústio publicou uma coletânea de contos em 1994, ainda no século XX, em uma época em que poucas mulheres negras eram reconhecidas e legitimadas como escritoras. Nesse período, a cultura de Cabo Verde estava ganhando maior notoriedade, especialmente o gênero musical “morna”, cujo nome Salústio incorpora no título do livro e em suas produções literárias, destacando temas como resistência e identidade. No mesmo ano de lançamento, Dina Salústio recebeu o Prêmio de Literatura Infantojuvenil de Cabo Verde (1994)³.

Em sua obra, Salústio desenvolve uma escrita fluída e de fácil compreensão, abordando temas como pobreza, marginalidade social, miséria e violência. Trata-se de uma contribuição literária significativa para refletirmos sobre os caminhos que as pessoas em sociedade têm trilhado.

³ Informações disponíveis no Literafro: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/resenhas/cronica/1910-diana-salustio-uma-menina-de-cristal-e-outras-cronicas>. Acesso em: 05 set. 2024.

Dina Salústio (2017) afirma que escreve com a intenção de denunciar tudo o que vê e escuta ao seu redor, buscando problematizar tanto os prazeres quanto os incômodos provocados por problemas que costuma presenciar ou tomar conhecimento. Ela declara que, ao escrever, não pretende apenas tocar os seus leitores, mas também ser uma voz ouvida.

No século XXI, Conceição Evaristo escritora que já publicava nos Cadernos Negros⁴, mesmo antes de lançar o romance individual *Ponciá Vicêncio* (2003), reuniu uma coletânea de contos intitulada *Olhos d'água*, publicada em 2014. Nessa obra, a autora utiliza a escrita literária para transportar os leitores a lugares que, possivelmente, eles não frequentam na vida real. Com uma linguagem acessível, Evaristo provoca os leitores a conhecer o outro lado da cidade e a vida das pessoas que vivem em comunidades. Ela oportuniza as vozes e histórias que muitas vezes são esquecidas ou invisibilizadas, trazendo ao centro os problemas enfrentados por essas pessoas diariamente.

Conceição Evaristo (2021) afirma que escreve para se libertar das dores e angústias da vida e para resistir e enfrentar as feridas causadas pelo racismo enraizado na sociedade. Esse fenômeno, mesmo sendo uma escritora renomada, não a isenta de sofrer. Por isso, ela declara que escreve para tornar a vida suportável.

A produção literária de mulheres africanas e afro-brasileiras no cenário contemporâneo constrói uma importante luta de resistência pela visibilidade em um contexto dominado por literaturas e narrativas eurocêntricas e patriarcais. Refletir sobre suas escritas nos possibilita pensar problemáticas que se interseccionam: raça, gênero e classe.

Esses temas estão presentes ao longo de toda a narrativa de Conceição Evaristo, especialmente no conto “Maria”, que aborda questões como machismo, violência urbana e abandono parental. Da mesma forma, no conto “Foram as dores que o mataram”, Dina Salústio narra a história de uma mulher não nomeada, transmitindo ao leitor a dor e vivência de milhares de mulheres que, em sua maioria, não tiveram a chance de viver.

⁴ “Cadernos Negros é uma publicação anual que divulga contos e poemas de autores e autoras afrodescendentes desde 1978” disponível em: <https://www.quilombhoje.com.br/site/cadernos-negros/> Acesso em: 04 set. 2024.

Entre Brasil e Cabo Verde: Uma escrita que se intercrucza

Entendemos a Literatura Comparada como um campo da teoria literária em que podemos investigar, analisar e criar trabalhos comparativos entre diferentes obras e áreas do saber. No entanto, com produções padronizadas hierarquicamente por textos canônicos, ela é, segundo Luca Fazzini (2022), vista como uma literatura de um universo fechado. Isso reflete na exclusão das obras de autores que não fazem parte da hegemonia, “colocando em segundo plano a pluralidade e as incongruências intrínsecas aos sistemas literários” (Fazzini, 2022, p. 3).

Por isso, a partir das possibilidades que a literatura comparada nos oferece, traçamos esse trabalho, com o intuito de ultrapassar a perspectiva eurocêntrica das literaturas. Propor uma pesquisa sobre obras de mulheres negras que escrevem em diferentes continentes é construir, a partir de suas literaturas, uma conexão entre as águas de um Atlântico que um dia já conectou e contou a história de seus ancestrais. O poder que a literatura comparada nos proporciona, permite valorizarmos as escritas do continente africano, oportunizando a interseção com a literatura brasileira.

Em um país que foi construído com braços, pernas e sangue das pessoas negras escravizadas, arrancados dos seus países de origem, desacreditados dos seus deuses e tendo suas culturas e línguas excluídas à força, a Literatura Afro-brasileira é, sobretudo, um ato político e revolucionário para esses povos. Produzir literatura negra com histórias em que o protagonismo negro esteja distante de estereótipos (tipos e estigmas sólidos sobre o outro, no caso, o sujeito negro) e das características de um passado colonial e explorador, é revoltar-se contra um sistema racista que insiste em apagar a cultura negra à força desde as invasões. Fazer essa literatura circular é, sem dúvidas, a maior rebeldia e revolução intelectual, e quando mulheres negras tentam fazer parte desse movimento, a tarefa se torna ainda mais difícil.

Quem pode falar? indaga Grada Kilomba (2019). Certamente do ponto de vista histórico, poucas vezes, os sujeito (a)s negro(a)s puderam falar e expressar seus pontos de vista sobre a história e sobre si mesmos. Abrir os arquivos da memória, seja na ciência ou nas artes e especificamente na arte literária, é fazer com que este arquivo entre em pane e faça circular outros signos sociais e desvele outras memórias sociais ali latentes.

Descolonizar o pensamento é sair do lugar de objeto e como protagonista tomar o lugar de fala e narrar a si, aos seus e ao mundo que o cerca. Não ser mais a narrativa

contada e sim revelar o quanto os discursos estéticos e culturais se constituíram em perspectivas predominantes brancas e eurocêntricas, sem espaço para a alteridade e evidenciar o quanto a academia não foi um espaço neutro de produção de conhecimento e sim, um espaço de legitimação da violência e do racismo, no qual no lugar de uma verdade científica e objetiva, encontramos historicamente relações desiguais atravessadas pelo recorte racial. Sabemos bem que não se trata apenas de algo que se refere ao campo do conhecimento e da posição dos discursos, os próprios corpos negros são dispostos nessas relações de desigualdade e deformidade.

Nas palavras de Kilomba:

Corpos negros são construídos como corpos impróprios, como corpos “*fora do lugar*”, e, portanto, corpos que não podem pertencer. Os corpos *brancos* são, pelo contrário, construídos como próprios; são corpos “no lugar”, “em casa”, corpos que pertencem sempre (Kilomba, 2019, p. 56).

Ser definido pelo outro é algo que se desloca do ponto de vista discursivo e se materializa nas relações sociais e nos espaços que cada um ocupa em sociedade. A condição diaspórica é resultado dessas violências, de corpos arrancados de suas origens e que pelo viés da arte e da literatura, reconhecem-se, aproximam-se de suas origens e traumas, mesmo que simbolicamente.

Conforme Eduardo Assis Duarte (2010), a literatura afro-brasileira é construída pelo povo e por aqueles que possuem traços fenotípicos característicos da população negra. Segundo ele, ser negro não é um requisito indispensável para a produção de obras que integram a literatura afro-brasileira, mas sim o conjunto que a constitui. Em outras palavras, essa produção literária é formada por narrativas voltadas para a população negra, com temáticas, perspectivas e público-alvo inseridos no contexto afro-brasileiro.

Evaristo (2009) destaca a importância e os desafios presentes na literatura afro-brasileira, acentuando sua relevância, pois ela ajuda a expor diversos problemas relacionados à formação do cânone literário. Isso se deve ao fato de que textos e narrativas de autores afro-brasileiros, na maioria das vezes, não são reconhecidos como obras literárias legítimas, e nem mesmo como produções teóricas.

Portanto, não é surpreendente que uma mulher negra brasileira só comece “a lacrar” após os 60 anos. Essa é uma expressão que Maria Conceição Evaristo de Brito divulgou em suas redes sociais. Nascida em Belo Horizonte, Minas Gerais, Evaristo seguiu sua carreira estudantil e profissional no estado do Rio de Janeiro. Ela nasceu e

viveu em uma época em que mulheres negras não eram vistas como capazes de estar em diversos espaços, como no mundo acadêmico ou literário. Hoje, mulheres negras ainda enfrentam essa problemática, no entanto, Conceição Evaristo tornou-se uma das mulheres que abriu um caminho para que outras mulheres negras pudessem trilhar.

Evaristo começa a escrever e publicar em 1990 nos *Cadernos Negros*⁵ porém só depois de anos ela consegue notoriedade. Com muitas publicações entre romances, contos, poemas e poesias, ela ainda segue publicando e nos emocionando a cada palavra-história contada entre papéis e entrevistas que circulam em diferentes espaços.

Em outro continente, separado pelas águas de um oceano que, um dia, já foram interligados durante o período das invasões portuguesas, não tão distante, encontra-se a Literatura Cabo-verdiana. De acordo com Fátima Fernandes (2021), ela se propõe como uma escrita de reconhecimento de um povo ilhéu que procurava se afirmar enquanto nação. Além disso, carrega consigo ainda as marcas de um passado colonial, com “uma dupla forma de expressão linguística (em português e em cabo-verdiano)” (Fernandes, 2021, p. 16). Ainda segundo Fernandes (2021), por volta dos anos de 1960 a 1970 a escrita para os cabo-verdianos era uma forma de refletir sobre a identidade de Cabo Verde, encontrando na literatura uma maneira de resgatar o que lhes foi tirado durante as invasões portuguesas.

No entanto, ao refletir sobre a escrita contemporânea de Cabo Verde, destaca-se Bernardina Oliveira, escritora de pseudônimo Dina Salústio, que publicou seu primeiro livro em 1994 e, mais adiante, tornou-se a primeira mulher cabo-verdiana a publicar um romance. Ela escreve de tudo um pouco e sempre busca ressoar as vozes de meninas-mulheres cabo-verdianas que são duramente violentadas por figuras masculinas, chegando muitas vezes a serem questionadas em entrevistas se algum dia escreverá histórias que apresentem homens de forma positiva.

Nas palavras de Simone Caputo Gomes:

Dina Salústio retrata situações-limite, em textos que falam de liberdade, do grito e da resistência femininos, do machismo e das novas masculinidades, do lugar ideológico reservado à Mãe, da maternidade precoce e das crianças abandonadas, das mulheres viciadas em bebida, da prostituição, da loucura feminina, da violência contra as mulheres, da pedofilia, entre outros temas, alguns bastante

⁵ Disponível em: <http://www.letas.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 23 jul. 2024.

provocativos para o contexto de sua estreia na ficção na década de 1990 (Gomes, 2021, p. 7).

Dina Salústio deixou explícito que suas escritas tratam de histórias que ela escuta durante suas andanças, ou seja, não se trata de histórias totalmente inventadas. Além disso, são problemáticas que ela toma como sua responsabilidade para denunciar: “Quando escrevo tenho a preocupação de denunciar qualquer coisa (...) A gente quando nasce, nasce com responsabilidades. Porque tu nasceste em um grupo, tem responsabilidades para com este grupo (Salústio, entrevista a Silva, 2018, p. 215)”. Tendo em vista o olhar de Salústio sobre a sua escrita, traço um paralelo com o conceito de “Escrevivência”, criado por Evaristo (2020), o termo deriva da história da Mãe Preta, que era escravizada e vivia na casa-grande. Ele remete ao papel que essas mulheres desempenhavam, sendo encarregadas de cuidar, ensinar e alimentar as crianças das famílias dos invasores. Além dessas tarefas, elas também eram forçadas a contar histórias para fazer as crianças dormirem, o que reflete a objetificação de seus corpos.

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não (Evaristo, 2020, p. 30).

Ou seja, a escrevivência também é narrar a história não contada, potencializando a voz daqueles que foram silenciados de alguma forma, seja por violência física ou psicológica. Narrar uma história como as que Salústio e Evaristo contam é uma forma de denunciar problemas sociais, mas também é uma maneira de tentar elaborar a cura para aquelas que sofreram essas atrocidades. A escrevivência é, portanto, uma forma de narrar um trauma vivido e tentar construir a cura no presente, a partir de um passado sofrido, por vezes, impossível de ser narrado por quem o vivenciou.

Podemos pensar que a literatura afro-brasileira surge com o intuito de ser a fonte de denúncia das problemáticas vividas por pessoas negras, enquanto a literatura cabo-verdiana se origina para construir a sua identidade e ser reconhecida como nação. Com o passar dos anos, essas escritas se propõem a denunciar as violências vivenciadas por meninas-mulheres cabo-verdiana, assim como as obras afro-brasileiras. Essas

duas literaturas separadas por um oceano, se conectam, seja pelas águas que um dia arrastaram pessoas de um país a outro, seja pelas histórias que, carregando a ancestralidade, atravessam as produções de autorias femininas que se conectam por uma resistência ao preconceito de raça e gênero, que se intersecciona em qualquer parte do mundo.

Narrativas de Dor e Resistência: Análise dos Contos de Dina Salústio e Conceição Evaristo

O conto “Maria”, que compõe a coletânea *Olhos d’água*, escrito por Conceição Evaristo, é narrado em terceira pessoa, com um narrador-observador. A personagem criada por Evaristo é uma mulher negra, trabalhadora e mãe de dois filhos. Neste sentido, percebemos que a forma como a escritora constrói a personagem, se dá por meio de uma observação do cotidiano, além de evocar simbologias cristãs durante o enredo, fazendo com que a personagem descrita na história esteja mais próxima da realidade do leitor. Primeiro porque ela nomeia a sua protagonista pelo nome “Maria”, que, além de ser o nome próprio mais comum no Brasil⁶, carrega uma forte carga simbólica. Segundo, ao ressaltar que a personagem havia se cortado “enquanto cortava o pernil para a patroa” (Evaristo, 2016, p. 40), Evaristo aproxima a protagonista da ideia de que as “Marias” negras brasileiras são vistas como figuras de sacrifício, à semelhança de Cristo, pela sociedade.

A história ocorre em um ponto de ônibus e dentro do ônibus, transmitindo ao leitor a sensação de um prévio conhecimento do lugar onde Maria trabalhava e vivia. Ou melhor dizendo, nos transporta à reflexão de que estamos lendo a narrativa de uma mulher que atravessa a cidade para trabalhar e garantir o sustento dos seus filhos, que, assim como ela, moram e vivem nas margens da cidade. A mulher descrita por Evaristo não está muito longe da realidade, ela faz parte de um lugar que podemos chamar de o “matriarcado da miséria⁷”.

⁶ De acordo com o censo demográfico 2010 do IBGE. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/nomes/#/search/response/563>. Acesso em: 09 set. 2024.

⁷ “A expressão “matriarcado da miséria” foi cunhada pelo poeta negro e nordestino Arnaldo Xavier para mostrar como as mulheres negras brasileiras tiveram sua experiência histórica marcada pela exclusão, pela discriminação e pela rejeição social, e revelar, a despeito dessas condições, o seu papel de resistência e liderança em suas comunidades miseráveis em todo o país.” (Carneiro, 2011, p. 130)

De acordo com Sueli Carneiro (2011), a exclusão das mulheres negras na sociedade reflete também no mercado de trabalho, com sua mão de obra desvalorizada. Assim, mulheres negras, que executam a maior parte dos serviços domésticos, como passadeiras, cozinheiras e diaristas, são marginalizadas. Carneiro ressalta: “De acordo com a declaração das Organizações de Mulheres Negras Brasileiras⁸, o trabalho doméstico ainda é, desde a escravidão negra no Brasil, o lugar que a sociedade racista destinou como ocupação prioritária das mulheres negras” (Carneiro, 2011, p. 128).

Inicialmente, a cena apresenta uma mulher voltando para casa depois de mais um dia de trabalho, e com ela “levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta” (Evaristo, 2016, p. 39). Quando o ônibus que ela aguardava chega, Maria recolhe suas coisas do chão e entra no transporte. Ao olhar para o final do ônibus, ela percebe que um homem acena para o trocador e paga a sua passagem. Ao observar o homem, ela reconhece que ele o pai de um de seus filhos.

Ela se lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros enjoos. Da barriga enorme que todos diziam de gêmeos, e da alegria dele. Que bom! Nasceu Era um menino! E haveria de se tornar um homem. Maria viu, sem olhar, era o pai de seu filho. Ele continuava o mesmo. Bonito, grande, o olhar assustado não se fixando em nada e em ninguém. Sentiu uma mágoa imensa. Por que não podia ser de uma outra forma? Por que não podiam ser felizes? (Evaristo, 2020, p. 40).

Em seguida, o homem e outro comparsa anuncia um assalto no ônibus, e apenas Maria não tem seus pertences levadas. Após esse episódio, que, por sinal, é muito frequente no Brasil⁹, Maria é impedida de chegar em casa, não por causa do roubo, mas porque os passageiros a acusaram de ser cúmplice. Ela não teve nenhum pertence roubado, o que a tornou o alvo perfeito para a acusação. Durante as agressões, os passageiros proferem frases como “negra safada estava com os ladrões” e “negra atrevida”, resultando no linchamento e morte de Maria pelas mãos das pessoas que

⁸ BRASIL. MINISTÉRIO DO TRABALHO. Brasil, gênero e raça. Brasília: MTE, 2006. Disponível em: <[http://www.mte.gov.br/discriminacao/Programa BrasiGeneroracatarde.pdf](http://www.mte.gov.br/discriminacao/Programa%20BrasiGeneroracatarde.pdf)>. Acesso em: 03 fev: 2011. ORGANIZAÇÕES DE MULHERES NEGRAS BRASILEIRAS. “Pro III Conferência Mundial da ONU contra o Racismo, Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância”. Disponível em: <http://www.antroposmoderno.com/antro-articulo.php?id_articulo=314>. Acesso em: 03 fev. 2011.

⁹ Isso se explica com o número expressivo de assaltos em ônibus divulgado pelo NTU em um levantamento feito em 2016 onde declara que em: “19 anos foi registrado um total de 53.479 assaltos”. Disponível em: <https://www.ntu.org.br/novo/NoticiaCompleta.aspx?idArea=10&idNoticia=1106>. Acesso em: 31 ago. 2024.

estavam no ônibus. Nessa narrativa, Evaristo evidencia como o racismo está profundamente enraizado na sociedade e em toda parte, inclusive entre as classes menos favorecidas. O incidente ocorre dentro de um ônibus, demonstrando que o racismo atinge os negros em todas as esferas da vida social.

Ainda que seja uma narrativa literária, ela nos mostra que o estereótipo da pessoa negra como ladra ou atrevida vai além da ficção. Existem muitos casos em que pessoas negras são tratadas como criminosos por conta do racismo que é enraizado na sociedade brasileira¹⁰. No Brasil, o racismo é crime inafiançável e imprescritível, amparado pela Lei nº 7.716/89, e, ainda assim, as pessoas cometem racismo descaradamente, zombando de indivíduos negros como se pudessem ficar impunes – e, muitas vezes, realmente ficam.

Angela Davis, em *A Liberdade é um Luta constante* (2018), afirma que a classificação de pessoas negras como “perigo à sociedade” é uma herança colonial que, atravessada por um passado sórdido, ainda perdura atualmente e comete atos como o que ocorreu com Maria.

Nesse sentido, refletimos sobre a teoria feminista tradicional, que não contempla todas as mulheres. Segundo Davis (2018), no século XX, quando se discutia o lugar da “mulher” na sociedade, no movimento feminista, mulheres negras e brancas da classe trabalhadora foram excluídas dos privilégios conquistados pelas “feministas brancas e burguesas” (Davis, 2018, p. 92). As correntes feministas foram construídas ideologicamente por um único grupo, esquecendo-se das múltiplas mulheres que compõem a sociedade. Quando o movimento feminista se consolidou e estabeleceu a categoria “mulher”, propôs uma ideia universal: ser mulher significava ser branca e fazer parte da burguesia.

Davis defende que o feminismo precisa ser composto por todas as mulheres, incluindo as trans, mas não apenas por elas. O feminismo que ela afirma pertencer busca combater o racismo, a homofobia e o capitalismo: “o feminismo deve envolver a consciência” contra todos esses problemas sociais.

¹⁰ Como um exemplo poderíamos citar vários, vou citar o mais recente que aconteceu e foi divulgado na mídia, Miriam Guedes, uma mulher de 35 anos, assistente social e negra, foi acusada de furto por funcionários da loja Daiso no Shopping Tucuruvi em São Paulo disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2024/02/01/mulher-negra-acusada-de-furto-sp.htm#:~:text=Uma%20mulher%20negra%20foi%20acusada%20de%20furto%20e,%22por%20enga no%22%20ela%20teria%20colocado%20algo%20na%20bolsa> Acesso em: 31 ago. 2024.

O feminismo insiste em métodos de pensamento e de ação que nos encorajam a uma reflexão que une coisas que parecem separadas e que desagrega coisas que parecem estar naturalmente unidas” (Davis, 2018, p. 99).

No conto, Evaristo propõe, por meio da literatura, refletirmos não apenas sobre o problema do racismo, mas também sobre o feminicídio, ambos recorrentes em nosso país. Ela torna os termos “raça” e “gênero” conceitos indissociáveis. Em várias páginas, a autora consegue fazer com que o leitor reflita sobre a condição de ser mulher negra na sociedade. Além disso, permite-nos transportar para um lugar de reflexão acerca das condições de trabalho às quais mães solas precisam se submeter para garantir o sustento de seus filhos.

No livro *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano* (2020), que reúne textos escritos entre os anos de 1970 e 1990 pela intelectual Lélia Gonzalez (1935 - 1994), percebemos a incansável luta das mulheres para se manter no mercado de trabalho, muitas vezes em condições precárias, como é o caso de Maria retratada por Evaristo, e da Maria entrevistada por Gonzalez na passagem abaixo. Durante suas pesquisas, Gonzalez (2020) constata que a concentração da força de trabalho feminina está nas prestações de serviços, e que, em sua grande maioria, mulheres negras ocupam cargos de empregadas domésticas.

A grande maioria começou por volta dos oito ou nove anos de idade nas “casas de família” (isto é, como empregadas domésticas), especialmente no caso das filhas mais velhas. E isso significava abandonar a escola. Uma das mulheres que entrevistei, Maria, relatou as dificuldades de uma menina negra pobre, de pai desconhecido, confrontada com o sistema de ensino unidimensional (isto é, eurocêntrico), centrado em valores que não os dela. Quando falou das dificuldades no aprendizado, Maria também criticou a atitude dos professores, (autoritários e colonialistas), que já de saída desprezavam a pobreza e a negritude em favor das práticas e métodos de “conhecimento *par excellence*”: aqueles da classe, raça e sexo dominantes (Gonzalez, 2020, p. 146).

Evaristo ressalta diversas problemáticas, entre elas: violência urbana, exploração do trabalho, abandono parental, racismo, feminicídio e desigualdade social. Todos esses temas se entrelaçam e constroem a personagem Maria, lembrando-nos

como eles edificam o nosso país. Além do racismo, o feminicídio no Brasil é um dos crimes que mais afeta as mulheres negras¹¹.

Em um outro continente, com uma narrativa curta, mas bastante significativa, encontra-se o conto “Foram as dores que o mataram”, que compõe o livro *Mornas eram as noites* (2002) da escritora Dina Salústio. Ao contrário de Evaristo, que nomeia sua protagonista, Salústio escreve uma história em que há apenas dois personagens, e estes não são nomeados, sendo identificados apenas por substantivos.

O artigo “o” e o substantivo “marido”, evidenciam que se trata de uma figura masculina, assim como palavras proferidas no feminino deixam claro que a narrativa de uma mulher, assim com um narrador-observador, o conto se inicia a partir da perspectiva dessa mulher.

É possível dividir a história em três momentos problemáticos: primeiro, trata-se da história de um casal; segundo, há violência doméstica; terceiro, a ação que resulta em uma reação fatal. Com isso, caracterizamos essa narrativa como uma situação-limite como descreveu Gomes (2021).

Essa situação é desencadeada pelo sexismo, um problema estrutural na sociedade e amplamente discutido por diversas pesquisadoras. O conceito de sexismo descreve uma questão à qual mulheres, de todas as etnias e origens estão sujeitas. De acordo com bell hooks (2014), o sexismo está enraizado nas estruturas da sociedade, tendo servido como ordem social e política durante o período colonial. Tornou-se uma prática herdada dos invasores. A violência praticada contra mulheres é, assim, um reflexo desses hábitos, transmitidos pelo colonialismo.

As mulheres eram chicoteadas severamente por chorarem. Eram despidas das suas roupas e batidas em todas as partes do seu corpo (...) Depois de marcados a ferro, todos os escravos eram desnudados de todas as roupas. A nudez das mulheres africanas servia de constante lembrança da sua vulnerabilidade sexual. A violação era um método comum de torturar escravas usado para submeter mulheres negras rebeldes (hooks, 2014, p. 15).

No início da narrativa, percebemos indícios de uma história questionável. Isto é, quando o leitor está minimamente atento à análise do texto, podem surgir perguntas em

¹¹ Nas palavras do pesquisador Christiano Jorge Santos: “de acordo com o Atlas da Violência 2019, enquanto a taxa de homicídios de mulheres não negras teve crescimento de 4,5% entre 2007 e 2017, a taxa de homicídios de mulheres negras cresceu 29,9%. Quando da aferição da proporção de mulheres negras entre as vítimas da violência letal, também é vislumbrada a desigualdade racial: 66% de todas as mulheres assassinadas no país em 2017 são negras.” (Santos, 2020, p. 12).

torno da frase: “a rotina de vidas que se afastaram e, incompreensivelmente, continuam juntas” (Salústio, 2002, p. 17). Como assim está retratando a história de um casal que se encontram, mas que é incompreensível ainda estarem juntos? Se a narrativa é sobre um casal, o normal não seria que suas vidas caminhassem juntas? Nessa passagem a escritora torna-se ainda mais intrigante quando afirma que: “dramaticamente caminham juntas, num desafio permanente à vida, à morte, ao direito de viver” (Salústio, 2002, p. 17). Isso nos leva a refletir sobre a palavra “dramaticamente”, que em seu radical drama, pode significar tragédia ou um acontecimento comovente.

É entre essas questões que refletimos também sobre o título “Foram as dores que o mataram”, ou seja, quando o lemos a impressão que transpassa é de um homem morto por dores, sejam de enfermidades ou qualquer outra coisa que ocasione. Ao longo do enredo percebe-se que essas dores não são desse homem, mas da mulher que narra parte da história.

A segunda parte do conto se entrelaça com a terceira e última, quando uma mulher surge em meio a fala do narrador e se defende, dizendo: “Não matei o meu marido. Eu amava-o” (Salústio, 2002, p.17). Isso torna ainda mais questionável a ideia de que ela pode estar diante de um tribunal ou mesmo em uma delegacia tentando provar a sua inocência. Nesse momento, a história, que inicialmente parecia ser uma simples narrativa sobre um casal, é repentinamente questionada e totalmente reconfigurada. O clímax da trama acontece na declaração da protagonista, que muda completamente a perspectiva do leitor. Após essa afirmação, a verdadeira causa de estarem “dramaticamente juntos” é revelada.

O conto elaborado por Dina Salústio é uma obra literária que denuncia problemas sociais vivenciados por mulheres cabo-verdianas, mas que se entrelaçam com as mulheres de todo o mundo. O machismo, como fenômeno social, se estrutura discursivamente desde a dominação ocidental. De acordo com Oyèronké Oyèwúmi (2018), o pensamento ocidental determinou de forma “bio-lógica” que, devido à diferença e à ausência de órgãos entre os corpos femininos e masculinos, as mulheres são inseridas em posições sociais inferiores aos homens. Nesse sentido, homens criam um esquema de dominação sobre os corpos femininos, justificando-o a partir de uma suposta superioridade biologicamente construída.

A herança desse pensamento ocidental é retratada durante o enredo, quando a protagonista descreve a violência doméstica à qual era submetida durante sua vida com o marido. Ela revela a experiência de uma mulher que se assemelha à realidade de

muitas outras, incapaz de denunciar os agressores, seja por medo, dependência ou até pela crença na possibilidade de mudança.

As vezes ficava à janela, meio escondida, vendo-o partir para o partir para o trabalho com a roupa que eu lavara e engomara. Gostava do seu modo de andar, do jeito como inclinava a cabeça. Via-o partir e ali ficava horas e dias à espera que voltasse e me trouxesse um riso e a esperança de que as coisas iriam mudar (Salústio, 2002, p. 17).

Na segunda parte da narrativa, a protagonista narra sua história em defesa própria e declara seu amor pelo marido. Ela afirma: “Eu amava-o. Porquê matá-lo? Ele matou-se. (...) Deu-me as armas e fez-me assassina...depois ficou tudo escuro. E o corpo a dor, a doer, a...” (Salústio, 2002, p.18). Nesse momento, é possível afirmar que não foi a esposa, que diz amar o marido, quem o matou, mas sim o contexto de violência a que ela foi submetida. A frase: “foram as dores que o mataram” revela que a dor da mulher, acumulada ao longo do tempo de violência e sofrimento, a levou a uma reação fatal. A dor da vítima, que nunca teve espaço para reagir antes, é o verdadeiro gatilho para o desfecho trágico, transformando sua passividade e sofrimento em uma ação desesperada e, por fim, fatal.

Durante toda a narrativa, ela ressalta que “não matou seu marido”, tentando a todo momento mostrar que não foi a esposa que o amava que tirou sua vida, mas a mulher que foi agredida. Isso também nos leva a refletir outra problemática: a violência psicológica. Ou seja, essa mulher reagiu para sua sobrevivência, o que ocasionou um desastre mental em si mesma. Ela demonstra isso ao repetir em várias partes do conto que não foi ela quem matou e, ao final, quando o narrador se encaminha para finalizar a história, descreve: “um soluço frágil absorve a última palavra” (Salústio, 2002, p. 18).

Nesta obra, Salústio nos permite refletir que há uma assassina e uma vítima, na mesma proporção. Primeiro, porque, embora ela tenha tirado a vida de um homem, esse mesmo homem a violentou enquanto viveu. Segundo, porque ela o amava e, ao reagir de forma fatal, deixará para sempre rastros desse homem em sua memória, em sua trajetória enquanto viver. Conforme as pesquisadoras Geni Mendes de Brito e Tânia Maria de Araújo Lima, a partir de uma leitura atenta, é possível perceber que:

A violência doméstica é produto de um padrão de relações assimétricas entre homem e mulher, legitimado pela ideologia patriarcal dominante e favorecido pela forma como a mulher se encontra sujeita aos desígnios socioeconômicos e culturais prevaletentes (Brito & Lima, 2021, p. 11).

Os contos são escritos por duas mulheres negras que se conectam, mesmo sem se conhecerem. Embora sejam ambientados em contextos e continentes diferentes, eles se entrelaçam. Primeiro, temos uma mulher que volta para casa após o trabalho e é violentada por pessoas que são instigadas devido a um ato de um homem (o assalto). Em seguida, temos uma mulher que aparentemente não trabalha fora, pois relata esperar por seu marido; no entanto, ela é violentada por um homem dentro da sua própria casa. A personagem Maria é identificada como negra, pois é descrita no texto, enquanto a protagonista não-nomeada de Dina Salústio não tem seu grupo étnico identificado. Essa construção torna a narrativa relevante para refletirmos sobre o conceito de sororidade, uma vez que independentemente do seu grupo étnico, mulheres estão sujeitas à violência em qualquer parte do mundo.

Como afirmou bell hooks (2019), o feminismo cria um contexto em que conecta as mulheres para lutar juntas pelos seus direitos. Isso significa que não estamos juntas para formular medidas contra os homens, mas para proteger nossos interesses enquanto mulheres dentro de uma sociedade pautada pelo patriarcado e nos proteger é também denunciar violências que outras mulheres vivenciam, criando uma rede de apoio para preservar nossas vidas. Hooks destaca que “a sororidade política entre mulheres sempre enfraquece o sexismo e prepara o caminho para derrubar o patriarcado” (hooks, 2019, p. 36).

Enquanto Conceição Evaristo oportuniza a voz de Maria, cuja vida foi brutalmente ceifada pelo racismo que permeia a sociedade, Dina Salústio nos permite escutar as vozes de mulheres cabo-verdianas, que são diariamente violentadas pelo machismo profundamente enraizado e que faz a personagem perder sua própria humanidade. O que essas personagens têm em comum, senão o fato de serem mulheres brutalmente violentadas por figuras masculinas e por estruturas sociais que legitimam esses lugares sociais como imutáveis e sacralizados? De um lado, uma mulher que sofre devido a um ato cometido pelo homem que um dia ela amou; do outro, uma mulher que foi violentada pelo homem que amou e, por fim, tornou-se “uma assassina”.

As escritas apresentadas por essas escritoras nos convidam a ir além do texto escrito, permitindo uma leitura que ultrapassa as palavras expressas. Elas nos levam a refletir sobre o que está nas entrelinhas, como se as palavras não ditas nos inserissem em um espaço de reflexão sobre a vida das mulheres que escrevem e das que têm suas trajetórias interrompidas no desenrolar de suas próprias narrativas.

A literatura afro-brasileira propõe construções literárias que transitam entre a dor e a resistência. Conceição Evaristo, por exemplo, apresenta em sua obra mulheres que refletem sua própria vivência no passado ou as histórias de pessoas com quem conviveu. Por isso, ela denomina seus textos como “escrevivências”, pois escreve sobre pessoas marginalizadas a partir de sua própria experiência nesse contexto. Já a literatura cabo-verdiana, que se inicia com um viés identitário e nacionalista, expande seus horizontes com a produção de Dina Salústio. Seus textos ultrapassam as questões de identidade nacional, abordando temas sociais a partir de seus lugares como mulher na sociedade, ao mesmo tempo em que dá voz à outras mulheres e cria espaços para suas narrativas.

A literatura dessas mulheres rompe com a “máscara do silêncio”, conceito destacado por Grada Kilomba em *Memórias da Plantação* (2019). Quando a protagonista Maria é assassinada, ela é silenciada por um sistema que, não podendo mais usar máscaras de ferro para subjugar, aproveita a primeira oportunidade para atribuir atos ruins às vítimas e direcionar a elas todo o ódio. Kilomba (2019) chama isso de negação, referindo-se à resistência de pessoas brancas em assumir responsabilidade por atos racistas ou reconhecer-se como racistas. Contudo, ao escrever, Conceição Evaristo devolve a voz a Maria, permitindo que sua narrativa seja ouvida e ressoe.

Por outro lado, Dina Salústio também confere voz a uma mulher silenciada por uma estrutura opressora, neste caso, o patriarcado que historicamente silencia mulheres desde sua inserção no mundo. Bell hooks (2019) destaca que a violência cometida por mães contra seus filhos é uma das principais causas da perpetuação do patriarcado. Quando uma mãe repreende seus filhos por meio da violência, está ensinando que o controle social se mantém pela força. Conforme Hooks aponta, “em uma cultura de dominação, todo mundo é socializado para enxergar violência como meio aceitável de controle social” (hooks, 2019, p. 99).

Propor o estudo dessas duas narrativas permite refletir sobre as semelhanças e diferenças entre as obras, além de direcionar a análise para as interseções presentes entre elas. A protagonista de Conceição Evaristo é uma mulher negra, de classe baixa, e vítima de uma violência urbana incentivada pelo racismo estrutural. Já a protagonista de Dina Salústio, embora seja identificada apenas como uma mulher, demonstra, pela narrativa, não precisar trabalhar fora de casa, o que sugere tratar-se de alguém

pertencente à classe média ou próxima a ela. Contudo, essa posição não a exime de sofrer violência de gênero.

Considerações Finais

Diante disso, é possível considerar que as escritas femininas afro-brasileira e cabo-verdiana estão conectadas por um passado colonial que as atravessa até o presente. Conceição Evaristo e Dina Salústio escrevem com intuito de denunciar as dores observadas ao seu redor, não apenas impulsionadas em fugir das angústias, traumas e dores provocadas pelo racismo, mas também como uma forma de resistência. As escritas dessas mulheres sugerem uma resistência contra o plano colonial de silenciar e excluir as mulheres do protagonismo literário, reivindicando seus espaços, suas histórias e suas vozes. Assim, ambas as autoras se utilizam da literatura como uma ferramenta de subversão, revelando as condições de sofrimento e opressão, ao mesmo tempo em que afirmam suas existências e sua autonomia no campo literário e social.

A conexão entre Brasil e Cabo Verde, como aponta Rosangela Sarteschi (2008, p. 185) remonta a um passado marcado pela violência do tráfico de escravizados e pelas consequências devastadoras para todas as sociedades envolvidas, “essas relações foram pautadas pela violência do tráfico de escravos e das consequências nefastas sobre todas as sociedades envolvidas”. Hoje, podemos afirmar que, por meio dos textos literários, Brasil e Cabo Verde continuam a se conectar, não apenas pelo legado da diáspora africana, mas também pelas histórias de resistência que compartilham. As literaturas dos dois países, especialmente as de escritoras negras como Conceição Evaristo e Dina Salústio, narram escrevivências: experiências vivenciadas por meio da dor e da superação, resultando em semelhanças entre os contextos de opressão racial e de gênero que marcam as vidas das mulheres em qualquer parte do mundo.

Quando Dina Salústio relata problemas sociais vivenciados por mulheres e meninas cabo-verdianas no século XX e Conceição Evaristo reconta as escrevivências de meninas e mulheres negras brasileiras no século XXI, ambas, por meio da literatura evidenciam e colocam no centro das reflexões, sobretudo, as mulheres, suas subjetividades e cotidianos, muitas vezes negligenciados dentro das sociedades.

Uma leitura atenta das obras de Conceição Evaristo e Dina Salústio nos permite perceber que ambas trazem signos e sintomas das sociedades brasileira e cabo-verdiana. Suas escritas, por meio da imaginação literária, nos fazem adentrar nos aspectos sociais e culturais que solidificam e sacralizam desigualdades, ao mesmo tempo que naturalizam situações periféricas e marginais.

Em seus contos, Evaristo aborda problemas cotidianos de quem vive nas margens da cidade, narrando o dia a dia de moradoras e moradores das comunidades, ao mesmo tempo que se insere como uma narradora observadora, permitindo que o leitor se envolva e consiga inferir histórias reais, vividas ou observadas ao seu redor. De maneira semelhante, Dina Salústio, ao retratar a realidade de Cabo Verde, nos apresenta uma dolorosa realidade à qual as mulheres estão sujeitas. Mesmo em um país diferente, ela revela que o perigo atravessa o oceano, fazendo com que suas histórias se entrelacem.

As contribuições dessas escritas para a literatura vão além de contar histórias: elas nos conectam e permitem que percebamos como nosso imaginário foi moldado em sociedade, possibilitando-nos revisitar, por meio das memórias e experiências, como as subjetividades, sobretudo, das mulheres negras, foram sendo contadas e, muitas vezes, esquecidas.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

DE BRITO, Geni Mendes; DE ARAÚJO LIMA, Tânia Maria. Dina Salústio e a violência de gênero na literatura cabo-verdiana. *Literafro UFMG*. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/literafricas/literatura-cabo-verdiana/1565-geni-mendes-de-brito-tania-maria-de-araujo-lima-dina-salustio-e-a-violencia-de-genero-na-literatura-cabo-verdiana> acessado em 31 de agosto de 2024.

DAVIS, Angela. *Feminismo e Abolicionismo: Teorias e Práticas para o Século XXI in A liberdade é uma luta constante*. São Paulo: Boitempo, 2018.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Por um conceito de literatura afro-brasileira*. Rio de Janeiro: Terceira Margem, 2010, p. 113-138

EVARISTO, Conceição. A escrevivências e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). *Escrevivência: a escrita de nós: Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.

- EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2020.
- FERNANDES, Fátima. Literatura Cabo-verdiana: trajetórias em defesa da cultura e da identidade. In: *Literatura e cultura de Cabo Verde navegando pelas ilhas e pelo mundo/org.: Agnaldo Rodrigues da Silva, Geni Mendes de Brito e Simone Caputo Gomes – 1ed.* – Campinas, SP: Pontes Editores, 2021
- FAZZINI, Luca. Atlântica: A literatura comparada entre margens oceânicas. *Revista Crioula*, n. 29, p. 14-33, 2022.
- GOMES, Simone Caputo. A escrita literária de Dina Salústio e Vera Duarte: resistindo à persistência de um cânone de perspectiva masculina. *Literafro*. Disponível em: http://www.lettras.ufmg.br/literafro/arquivos/autoras/Simone_1_artigo_lit_Cabo_Verde.pdf acessado em 02 de setembro de 2024.
- GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Organizado por Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HOOKS, Bell. *Não sou eu uma mulher. Mulheres negras e feminismo*. 1ª edição 1981 Tradução livre para a Plataforma Gueto. Janeiro, 2014
- Hooks, Bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Tradução Bhuvi Libânio. – 6ª ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação*. Episódios de racismo cotidiano. Lisboa: Orfeu Negro, 2019.
- OYĒWÙMÍ, Oyèrónkè. *Jornada pela Academia*. Tradução: Leonardo de Freitas Neto. Revisão de Osmundo Pinho. v. 1 n. 2 (2018): Segurança Pública: Pesquisas e Políticas.
- SALGADO, Maria Teresa. Noites nada mornas de Dina Salústio: a oportunidade do diálogo. *Revista do Núcleo de Estudos e Literatura Portuguesa e Africanas da UFF*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 36-40, ago. 2008.
- SALÚSTIO, Dina. Entrevista. In: SILVA, Franciane Conceição da. *Corpos dilacerados: a violência em contos de escritoras africanas e afro-brasileiras*. Tese (Doutorado em Letras) Programa de Pós-Graduação em Letras. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018c.
- SALÚSTIO, Dina. *Mornas eram as noites*. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional, 2002.
- SANTOS, Christiano Jorge; STEMPNIEWSKI, Ligia Penha. Femicídio e racismo: mulheres negras morrem mais. *Revista Jurídica Luso-brasileira*, p. 267-284, 2020.
- SARTESCHI, Rosângela. Cabo Verde: literatura em chão de cultura, de Simone C. Gomes. *Via Atlântica*, v. 9, n. 2, p. 185-191, 2008.